



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v57i1.2719>

SOMOS TODOS HUSSITAS¹

We are all hussites

Tarcísio Vanderlinde²

Resenha de: DREHER, Martin Norberto. *De Luder a Lutero: uma biografia*. São Leopoldo: Sinodal, 2014. 299 p. ISBN 978-85-8194-041-0.

A pretensão do autor foi produzir uma biografia de Lutero fora dos círculos intelectuais europeus. De pronto, esclarece o tão inusitado título: nascido “Luder”³ (vagabundo), após o debate de Heidelberg, decide assinar Eleutherius, expressão que retira do grego ao estudar a carta escrita pelo apóstolo Paulo aos gálatas. A palavra carrega o sentido de “libertação”. De vagabundo passa a ser liberto por graça e por fé, por causa de Cristo.

A mudança de nome indica a evolução espiritual de Lutero. Nesse sentido, acaba ele mesmo se descobrindo um “hussita”, referência ao “herege” João Huss, condenado à fogueira no Concílio de Constança um século antes. Dreher reproduz parte da carta de Lutero a Espalatino, apoiador de seus escritos. “Todos nós somos hussitas e, no final das contas, Paulo e Agostinho também são. De tão espantado, não sei o que pensar quando reflito sobre o terrível juízo de Deus em relação ao ser humano: o evangelho claríssimo e verdadeiro já foi queimado há cem anos, e ainda hoje é condenado e ninguém pode confessá-lo” (p. 138).

Dreher indica “Obras selecionadas” de Martinho Lutero, publicadas pelas editoras Concórdia e Sinodal como fontes principais de seu texto. O autor é notabilizado por diversas publicações que se envolvem com o luteranismo. Nessa biografia, invade a vida privada de Lutero, seu casamento indeciso e tardio com Catarina von Bora, e persegue a trajetória do monge rebelde pela geografia alemã. Discute sua origem, estudos preliminares, a “trágica” decisão pela vida monástica (reprovada pelo pai), seu aprimoramento teológico, apogeu e declínio.

¹ O artigo foi recebido em 30 de março de 2016 e aprovado em 30 de março de 2017 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em História. Pesquisador Sênior da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon/PR, Brasil). Contato: tarcisiovanderlinde@gmail.com

³ O autor informa que no alemão moderno “Luder” é traduzido por “vagabundo”. Outros sentidos podem ser atribuídos à palavra. De modo geral é uma expressão pejorativa que indica uma pessoa vulgar.

Estudante disciplinado na adolescência, vai se tornando ousado à medida que se aprofunda nos textos bíblicos e em outros estudos sobre a história do cristianismo. Nesses estudos converge com o pensamento de Santo Agostinho. Entre as influências mais tardias, destaca-se o pensamento do franciscano Guilherme de Ockham, hábil questionador do poder papal.

Em seu intento, Lutero considerou ser relevante conhecer a fundo o direito canônico. Dreher observa que as descobertas pessoais de Lutero com relação à fé podem tê-lo encorajado a enfrentar o papa, porém a motivação principal emergiu de seus estudos sobre o direito canônico. “O direito canônico era constituição, doutrina, principal autoridade em questões que diziam respeito ao cotidiano. O direito canônico era considerado superior ao direito civil. Lutero estudou, pois, decretos e bulas e foi a partir desse estudo que brigou com o papado” (p. 127). Em decorrência de seus estudos, desenvolveu uma densa “teologia protestante”.

No limiar do século XVI, Lutero viveu num mundo em transição. Teve Roma, enquanto sistema religioso, como alvo principal de seus escritos. Havia visitado Roma ainda jovem, e naquele momento não tinha tido nada mais do que uma visão superficial de viajante que chega a um lugar impregnado de místicas e lendas. Suas críticas à corrupção da igreja só viriam mais tarde em Wittenberg. Todavia, Lutero também atirou em outras direções. Imperadores, nobres e camponeses acabaram do mesmo modo sendo alvo de suas publicações.

Apesar de crítico mordaz, Lutero não tinha intenção de romper com Roma. Queria muito mais uma reforma da igreja do que confronto com ela. Porém, as complexas circunstâncias sociopolíticas e religiosas o levaram a um rompimento irreversível. Lutero teve dificuldades em lidar com a sociedade onde se encontrava. Política e religião se entrelaçavam fortemente ao final da Idade Média. Inquieto, não raras vezes sentia-se desconfortável no ambiente onde vivia. Em sua reclusão monástica, “viveu num mosteiro fora de tempo e espaço, sem história. Nada soube do que acontecia na história de sua região. Não tinha ideia do que estava acontecendo quando foi lançado no palco dos grandes acontecimentos da história. E isso teve consequências por vezes complicadas” (p. 47).

O biógrafo conta que Lutero observou os votos monásticos de agostiniano com exceção de um: o da obediência. “O monge Luder trajava-se com hábito negro, preso com cinto de couro preto. Sobre ele vestia uma escápula branca. Camisa de lã servia de camiseta. [...] Lutero usou o hábito negro muito tempo após haver rompido com Roma. Um mosteiro, o de Wittenberg, foi sua residência até a morte” (p. 38). Suas contribuições ao protestantismo emergiram inicialmente de sua empolgação pela música e pelas letras. Protestantes do tempo presente ainda cantam composições de Lutero.

Em eruditos como Erasmo, com o qual teve controvérsias sobre a concepção do “livre-arbítrio”, Lutero buscou subsídios para uma melhor compreensão dos textos bíblicos. Porém, ele próprio admitia lutas com os textos sagrados após constatar que as interpretações existentes eram de pouco proveito. Acaba concluindo que era preferível enxergar com os próprios olhos do que com olhos alheios.

Lutero foi um escritor compulsivo, chegando a produzir grande volume de publicações anuais. Detinha um vocabulário riquíssimo. Sua habilidade na escrita era reconhecida inclusive por seus adversários. O ano de 1520 seria marcado pelos principais tratados que iriam caracterizar os princípios da teologia protestante. “Do cativeiro babilônico da igreja” pode ser considerado o texto mais relevante. Nele, Lutero denuncia o despotismo do papado e propõe a reforma. Mais tarde, em fase que Dreher considera como senil, Lutero produziria alguns textos comprometedores, principalmente direcionados a camponeses e judeus. O texto sobre os judeus teve reflexos dramáticos no século XX e serviu como pretexto para estimular o antissemitismo.

Em seus escritos, Lutero costumava contar com um auxiliar hábil e de grande erudição que conseguia ser até mais arguto e duro do que ele próprio. Trata-se de Filipe Melanchthon, humanista e discípulo de Erasmo. “Dominava o grego, conhecia as fontes para os estudos de Teologia, e Lutero dobrou-se aos seus conhecimentos, vendo nele também aquele que poderia continuar sua obra, caso viesse a falecer” (p. 146).

Na Dieta de Worms, diante do imperador Carlos V, instado a revogar seus escritos, Lutero se posicionaria definitivamente a respeito dos mesmos. Dreher transcreve a posição do Reformador: “[...] estou convencido pelas passagens da Sagrada Escritura que mencionei, e minha consciência está presa à palavra de Deus, e não posso nem quero revogar qualquer coisa, pois não é sem perigo nem salutar agir contra a consciência. De outra maneira não posso; aqui estou, que Deus me ajude amém” (p. 165).

A bula papal da excomunhão de Lutero já havia sido promulgada em 2 de janeiro de 1521. No Editto da Dieta de Worms, assinado por Carlos V em 8 de maio daquele ano, Lutero foi também proscrito pela autoridade temporal. Após o episódio de Worms, como refugiado em Wartburgo, Lutero dedica-se à tradução do Novo Testamento. A tradução do Velho Testamento viria mais tarde como fruto de um trabalho de equipe. Dreher esclarece que, antes do trabalho de Lutero já havia outras traduções da Bíblia para o alemão, contudo, elas eram de uso restrito e se destinavam a pessoas que tinham posse.

O trabalho de tradução de Lutero foi feito com muitas consultas e reflexões. Como fazer com que o autor hebreu falasse alemão, por exemplo, era algo que instigava Lutero. O resultado da tradução associado à distribuição do texto é avaliado na biografia como sendo “uma importante penetração de um meio de comunicação de massa no tecido social de então. Havia agora a possibilidade de ler, ouvir, debater, interpretar, fazer deduções. A Bíblia tornou-se próxima. Não era apenas uma doutrina que ensinava como herdar o céu. Tornou-se *slogan*, instrumento para exigências de transformação social” (p. 181).

Entretanto, ocorreram desdobramentos. Em pouco tempo “o mundo passa a ser ateu, habitado por crentes” (p. 283). Havia pessoas que liam e interpretavam os textos bíblicos diferentemente de Lutero. Diziam-se “profetas celestiais” e liam a Bíblia com sua luz interior. “Lutero não fora o único escolhido por Deus para anunciar sua palavra. Deus também os escolhera” (p. 188). Outras lideranças religiosas, como a de Tomás Müntzer, começavam a emergir. Surge o anabatismo, rechaçando o batismo de crianças, doutrina mantida por Lutero. Motivados por interpretações bíblicas e concepções milenaristas, “espíritos entusiastas” estimulariam rebeliões. Contudo, Lutero

também foi acusado de estimular conflitos. Sob cavaleiros e lansquenetes ocorreriam grandes massacres de camponeses. O mundo medieval estava se dissolvendo.

Ora protegido, ora perseguido, Lutero morreu por complicações de saúde aos 62 anos em Mansfeld, lugar onde havia nascido no ano de 1483. Dreher lembra que na alocação fúnebre durante seu sepultamento em Wittenberg, Melanchthon o chamaria de “cocheiro de Israel”, numa alusão ao profeta que descobrira a doutrina do perdão, da graça e da misericórdia.

Não obstante o valor histórico e a densidade da obra, uma análise mais qualitativa sobre as questões envolvendo anabatistas, camponeses e judeus seria oportuna no âmbito das produções literárias estimuladas pelos 500 anos da Reforma Protestante. Penso que existem questões delicadas associadas a esses assuntos que mereceriam uma atenção devida. A questão judaica parece-me ser a mais relevante.

Associar as posições antissemitas de Lutero ao período de sua senilidade pode até fazer algum sentido, mas reduz a discussão sobre o assunto. Apesar de envelhecer, Lutero também pode ter sido motivado por escritos antissemitas e formas de entender os textos bíblicos que vieram da longa duração. É chocante perceber que no tempo presente o antissemitismo volta a se fortalecer no mundo. Contudo, é preciso tomar o cuidado de não considerar a onda atual decorrente das posições de Lutero sobre os judeus há cinco séculos. Por outro lado, causa assombro constatar que ranços antissemitas sobrevivem no seio de igrejas protestantes que consideram ter algum legado luterano.